

O G U M

- DEUS

E HOMEM

Por
Fernanda Júlia
Fernando Santana

PERSONAGENS

OGUM

EXÚ

XANGÔ

OXOSSI

CORO DE METALÚRGICOS

NANÃ

OYÁ

ADELÉ

ALDEÕES

IKÚ (A Morte)

CENA 1 - PRÓLOGO

(Na entrada da platéia, na porta que dá acesso à sala de espetáculos está EXÚ posicionado. Ele, na medida em que o público entra, interage com os espectadores).

EXÚ

(para os espectadores)

Olodumarê criou o universo, os deuses, a natureza e os homens. Os homens queriam dominar a natureza. Mas, a sua natureza os dominou (ri).

Mas, ele tinha uma sabedoria de poucos. Ele cometeu injustiça.

(firme) Mas também, fez justiça. Desbravou o universo e perdeu um amor.

Voraz. Ávido! Ele. O guerreiro que deu aos homens o segredo do fogo e do ferro.

Ele, senhor do ferro! O primeiro a lançar-se.

Aquele que abre o caminho! Ogum!

CENA 2 – NANÃ E OGUM O EMBATE

(Estamos num “Canteiro Tecnológico”, onde praticáveis estão dispostos em alguns pontos. Uma luz se abre em resistência. Música. Entra NANÃ acompanhada por Ikú que carrega uma cadeira africana. Ikú posiciona a cadeira Nanã senta-se).

OGUM

(entrando com dois pratos de najé [pequeno prato] um de barro e um de metal. Ogum coloca os dois pratos no chão, primeiro o de barro e depois o de metal e saúda Nanã.)
Salubá Nanã! A senhora mandou me chamar...?

NANÃ

Só se saúda a quem se tem respeito.

OGUM

Isso eu lhe tenho de sobra.

NANÃ

Cuspindo na minha cara? Me afrontando?! Trocando o barro, matéria primordial sagrada, por um artifício vulgar?! É um desrespeito ao meu tempo. O barro deu forma à carne, foi a matéria-prima para moldar o corpo. Fazer a humanidade!

OGUM

A humanidade já foi feita e precisa de instrumentos...

NANÃ

Agora vai me ensinar sobre a humanidade?

OGUM

Não. Eu quero aprender com a humanidade. Essa é a minha intenção.

NANÃ

A sua intenção é maltratar os costumes, esmigalhar a crença e rir dos antepassados. Você está inventando o fim da humanidade!

OGUM

Talvez eu seja humano demais para ser divino.

NANÃ

(Espantada, levanta-se e aproxima-se lentamente de Ogum) Está renegando o que Olodumarê lhe deu de mais precioso?

OGUM

Estou melhorando uma das coisas que Olodumarê nos deu de mais precioso: a inteligência. O homem precisa evoluir.

NANÃ

(elevando a voz) O barro não é um atraso! O barro é o princípio de tudo! (pausa, senta-se) Não se esqueça que no início de tudo era eu quem estava aqui!

OGUM

Eu quero...

NANÃ

(Firme) Está decidido: nas minhas cerimônias não será usado nenhum instrumento feito de ferro.

(Pequena pausa. Os dois se olham)

OGUM

Que seja! Salubá Nanã!

(Ela levanta-se e sai lentamente. Ogum vai para o centro do palco. Música Ogum realiza a fusão dos elementos barro e metal. Sai de cena.)

CENA 3 – EXÚ E OGUM NO EIXO DO UNIVERSO

(Música. Entra Exú. Ogum entra e tenta surpreendê-lo. Os dois brincam. Ogum derruba Exú no chão. Muda a música o ambiente fica mais misterioso cada um ocupa uma extremidade do palco. Ogum e Exú {Eixo do universo})

OGUM

Laroiê Exú! Mojubá ô!

EXÚ

(ri) Demorou hein?

OGUM

Sem humano não há divindade. E eu quero ser humano!

EXÚ

Certeza?

OGUM

Certeza.

EXÚ

(Ri) Ogum procura Exú no eixo do universo. Ogum quer ser humano. Pede bem Ogum. Arriou meus ebós, fez tudo como manda os costumes... Sairá daqui do Órun para o Ayê. Se tornará o Ashiwajú, aquele que vai à frente, abrindo caminho também para outras divindades.

CENA 4 – OGUM HUMANO

(Ogum caminha para frente.)

OGUM

Humano

O sangue percorre as veias.

O ar sagrado de Olodumarê entra e sai.

Ainda no ventre, é legado a ele o direito e o dever do seguimento.

Sonhar, perder, sofrer.

O impulso e a ambição de modificar, de inventar.

Humano.

Materialização da autonomia da criação.

Altar vivo no qual pode ser invocada a presença do Orixá.

O corpo quente e cheio de divindade.

Partículas... poros... ancestre.

Humano.

Pés e mãos na terra, no ar, na água, no fogo.

Feitos de partículas elementares formam, deformam, constroem, destroem e nascem.

Humano.

Corpo quente, alma pulsante.

Ancestre. Humano.

CENA 5 – DANÇA DA TRANSMUTAÇÃO

(A luz do centro do palco cai em resistência Exú posiciona-se no centro do palco, dois atores posicionam-se ao seu lado e cantam junto com o coro de metalúrgicos fora de cena)

CORO DE METALÚRGICOS

(Ainda sem serem vistos cantam)

Imalé!

Imalé!

EXÚ

Ògún pèlé o!

Ogum, eu te saúdo!

Ògún alákáyé

Ogum, senhor do universo

Osìn ímolè.

Líder dos orixás

Ògún alada méjì.

Ogum, dono de dois facões

O fi òkan sán oko.

Usou um deles para preparar a horta

O fi òkan ye ona.

E o outro para abrir caminho

Ogunhê!

Olá Ogum!

(Sons de cidade, o coro de metalúrgicos invade a cena. Movimentam-se como pessoas na cidade grande. Música. Os atores saem de cena lentamente, música acentua-se. Entra Ogum em seguida, posicionando-se, um pouco atrás, entra Exú os dois dançam a TRANSMUTAÇÃO. Os metalúrgicos lançam pedras um para o outro. Ogum dança em meio às pedras manipulando o fogo. A música progressivamente aumenta de volume e de cadência. Ogum funde pedra e fogo. As pedras viram pedaços de metais. Coro de Metalúrgicos canta.

CORO DE METALÚRGICOS

Ogum! Ogum!

Ogum,Ogum, Ogum.

METALÚRGICO 1

Os itans contam que Ogum manipulou o Inan e entregou aos homens.

METALÚRGICO 2

Tornou-se o transmutador, o transformador do mundo físico e do mundo supranatural.

METALÚRGICA 1

Ogum forja o ferro, constrói todos os instrumentos que aram a terra, que cortam a madeira, que ceifam o chão.

METALÚRGICO 2

Suas pás, picaretas, facões, foices, machados deitam em Onilé, repousam das mãos do desbravador, do caçador mais velho. Engenheiro da mecânica do universo.

METALÚRGICA 1

(para a platéia) Ogum não se fez apenas homem, se fez um grande homem. O maior desbravador que o continente africano já viu. Ogum conquistou sete aldeias. A mais famosa delas foi Irê. Ao conquistá-la, Ogum transformou-se no Onirê o Senhor de Irê.

CORO DE METALÚRGICOS

Ogum oni alaguedé

Ogum senhor ferreiro do universo

Mariodé, ode, mariwô

Caçador que se veste de mariwô

**CENA 6 – OGUM ENSINA OXOSSI
A CAÇAR**

(Floresta. Ogum e OXOSSI estão em cima de andaimes. Ogum come e auxilia o irmão na caça.)

OGUM

(apontando, falando baixo) Veja lá, Oxossi. Olhe bem, meu irmão. Preste atenção. O animal está em grupo. Protegido. Se agente atacar agora, pela distância, é arriscado não acertar e todo o bando correr. E pelo instinto desse bicho, eles não voltam mais aqui.

OXOSSI

O jeito é esperar.

OGUM

Esperar o melhor momento para o ataque.

OXOSSI

(preparando-se para o ataque) Ataque que precisa ser silencioso.

OGUM

Silencioso ao ponto de só se ouvir o coração do bicho.

(Sons de batidas do coração são ouvidos)

OXOSSI

Bicho que se esconde. Parece que sente a nossa presença.

(Oxossi desce vagorosamente o andaime, se aproximando do animal. Ogum o detém)

OGUM

Calma, muita calma... se afastou um pouco mais... preste atenção. Agora!

(No instante em que Oxossi vai atacar, surge Exú em outro andaime.)

**CENA 7 – OGUM E EXÚ “O AVISO
TÁ DADO”!**

EXÚ

Como vai o senhor da técnica... E da guerra?!

OGUM

(em tom de brincadeira) Pronto! Chegou o senhor do movimento.

EXÚ

(aproximando-se) Eu?! Senhor?! Movimento?! Movimento é o que estar por vir.

OGUM

Continue.

EXÚ

Não sou menino de recado. Eu tenho cara de menino? Não responda!

OGUM

Continue!

EXÚ

Não vai me dar nada?

(Ogum dá uma parte da comida a Exú.)

EXÚ

Só isso?

(Ogum dá mais uma parte da comida a Exú.)

EXÚ

Só isso?

OXOSSI

Tá de mais!

OGUM

Também acho!

EXÚ

Ah! Então eu vou embora.

(Ogum irrita-se dá o restante da comida que estava nas mãos dele.)

OGUM

Toma! Toma! Fala!

EXÚ

Pimenta, cadê?

(Irritado, Oxossi entrega um pequeno punhado de pimenta a Exú)

OGUM

Satisfeito?

EXÚ

Mais ou menos. A pimenta tá meio mucha, mas dá pro gasto. (OT) O vento forte ficará no seu caminho. Vai soprar você pra longe (ri).

OGUM

(olhando para Oxossi) Vento forte?

EXÚ

E as labaredas de fogo incomodam (ri).

OXOSSI

Eu não entendo nada.

EXÚ

(apontando Ogum) Ele é quem vai entender. (ri)

OGUM

Você falou muito e não disse nada, Exú.

EXÚ

O recado tá dado. (sai comendo)

(Ogum fica um tanto assustado com a notícia dele.)

OGUM

Vento forte? Labaredas...?

OXOSSI

Meu irmão. Pra tudo existe remédio.

(Oxossi atira e ouve-se um rugido abafado do animal atingido, em seguida, ele desce do andaime para apanhar a caça.)

OGUM

Se Exú veio até aqui só para me dizer isso, boa coisa é que não me aguarda.

OXOSSI

(retornando com a caça) Não se preocupe...

OGUM

Eu só não posso ficar tranquilo, não é?

OXOSSI

(referindo-se a caça) Bom, com essa aqui eu retorno.

OGUM

Eu vou ficar mais um pouco.

OXOSSI

Já está escurecendo.

OGUM

Eu faço uma fogueira.

OXOSSI

Você que sabe.. (Sai carregando a caça).

CENA 8 – OGUM FALA A HUMANIDADE

(Voz em off)

METALÚRGICO 1

A guerra potencializa a personalidade de Ogum. A cólera é a sua casa.

Para Ogum, guerrear é vencer a si mesmo, conquistar a vida, a liberdade e tudo que ela puder oferecer.

(O Coro de Metalúrgicos entra e formam um bloco. Dançam)

CORO DE METALÚRGICOS

(sussurrando)

Ogum pá gada ê

Ogum mata com seu facão

Ogum pá gadá

Ogum mata com seu agadá

Ogum pá gada ê

Ogum pá gadá

OGUM

A gente se acostuma a muita coisa. E à medida que se acostuma, esquece o sol, esquece o ar, esquece a amplidão. A gente se acostuma a ler sobre a guerra. E aceitando a guerra, aceita os mortos e que haja número para os mortos. E aceitando os números, acredita nas negociações de paz. E aceitando as negociações de paz aceita ler todo dia das guerras, dos números, da longa duração. A gente se acostuma a ser ignorado quando precisava ser visto. Se acostuma a pagar por tudo o que deseja e o que necessita. E a lutar para ganhar o dinheiro com que pagar. E a ganhar menos do que precisa. E a fazer fila para pagar. A gente se acostuma a coisas demais para não sofrer. Em doses pequenas, tentando não perceber, vai afastando uma dor aqui, um ressentimento alí, uma revolta acolá. A gente se acostuma

para poupar a vida que, aos poucos, se gasta. E que se gasta de tanto se acostumar.

CENA 9 – A APARIÇÃO DE OYÁ

(Sons de vento. Dois praticáveis. Cada um numa extremidade do espaço cênico. OYÁ, exuberante, ocupa um e Ogum, encantado com ela, está posicionado no outro. Sons de vento forte. Oyá, ao ver Ogum, também encanta-se, parece hipnotizada pelo homem viril e de olhar apaixonado. Os dois, esboçam um movimento, tentando se tocar. Música. Pela distância, não conseguem. Oyá e Ogum descem dos praticáveis e a penumbra os envolve. Ogum aproxima-se de Oyá, vai tocá-la. Black repentino. Oyá aparece do outro lado. Ogum, enfeitiçado, vai ao seu encontro. Outro Black repentino. Oyá aparece em outra área do palco, de costas, banhando-se com mel. Ogum paraliza-se diante da beleza e encanto de Oyá. A luz de Oyá desmaia lentamente e ela surge novamente atrás de Ogum. Os dois estão próximos, corpo a corpo. Ogum a agarra, Oyá o aperta forte. Os dois corpos viram um só. Ogum e Oyá saem de cena entra Exú sons de vento.)

EXÚ

(Dirigindo-se a platéia) - Amaram-se!
Liquefizeram-se!

Os corpos negros escuramente acesos dançavam ao som da respiração acelerada de seus desejos.

O grande Onirê rendeu-se e a grande rainha de Irá correspondia e soprava seu vento na forja do guerreiro.

Oyá que faz a folha flutuar, ventania que pariu o fogo na travessia da montanha. Oyá da roupa de fogo, vendaval e brisa, dona do vento da vida, agora cavalga o universo em suas plenitudes de amor por Ogum.

Ogum o senhor do ferro, dono do pânico e do silêncio, o entalhador

calou-se e seus lábios abriram-se apenas para sussurrar, para gritar de amor e prazer.

Não há nada mais humano que amar e Ogum amou e foi amado.

(Exú sai de cena)

CENA 10 – ADELÉ AQUELE QUE HERDA

(Ogum ensina golpes de capoeira para Adelé.)

OGUM

(Ofegante) Vencer é muito bom e é sempre o objetivo daquele que luta. Mas, mais importante que vencer é que a vitória venha de uma luta justa, honrada. Vitórias sujas não formam um grande homem, muito menos um grande líder. Entende isso meu filho? (Abraça-o)

Preciso que aprenda tudo isso e não esqueça Adelé, para que se torne em breve um grande líder.

Adelé! (fala com admiração) Aquele que herda!

Você vai assumir Irê, meu filho e para isso precisa estar preparado. Estamos apenas esperando o sinal de Exú para realizarmos o ritual de entronamento, segundo o ifá, o oráculo, será na lua cheia.

Lembra do que o Babalawô te disse sobre Exú?

ADELÉ

Para abrir os caminhos é Exú quem se saúda primeiro.

(Adelé saúda Exú. Coro de Metalúrgicos cantam ao fundo)

ADELÉ

Exú odará, omokunrin idólofin.

(Exú odará, o homem forte de idólofin.)

Exú Lóogemo órun, a nla kálú

(Exú, o indulgente filho de Deus, cuja grandeza se manifesta em toda parte.)

La Nyan hamana

(Ele caminha movendo-se com altivez)

Kó lá kó rá obá ona ojá ilê su

(Ele faz com que no mercado nada se compre e nada se venda)

O se firi oko ero ojá

(Ele se torna rapidamente o senhor daqueles que passam pelo mercado.)

Ero palemo wara wara

(Os passageiros preparam-se rapidamente)

A kílí lówó láí mu ti Exú

(Quem tem dinheiro reserva para Exú)

A kílí lóyó láí mu ti Exú kurô

(Quem tem felicidade reserva para Exú a sua parte)

OGUM e EXÚ

Axé! (Os dois saúdam Exú e riem saem de cena)

CENA 11 - ENTRONAMENTO DE ADELÉ

(Palco vazio. Música. Entra Adelé e se posiciona no centro do palco, em seguida entram 2 aldeões, logo após Ogum e Oyá e por último entra Exú. Cerimônia do entronamento de Adelé.)

OGUM

Adelé parte de mim! Adelé aquele que me representa.

Irê hoje está em festa, eu entrono meu filho e dou a ele todo o meu AXÉ!
Obá Nlá Adelé Onirê ô!

ADELÉ

Teu olhar é o meu olhar, teu suor é o meu suor. A sua força é a minha força!
Eu vejo você! Ogunhê!!!!

(Ogum abençoa o filho e eles abraçam-se.)

CENA 12 – APRESENTAÇÃO DE XANGÔ

(FESTA. Celebração do entronamento de Adelé. Oyá dança para Ogum, este faz algazarra e se deleita com a beleza de sua amada. Todos dançam. Chega XANGÔ. Xangô cumprimenta todos os presentes inclusive seu irmão Ogum, que não retribui ao cumprimento. Xangô dança no meio do círculo formado pelos participantes. Oyá o observa dançar. Parece encantada com ele. Vez por outra, Xangô olha para Oyá e pede para que ela entre na roda e dance com ele. De início ela rejeita, mas depois cede. Os dois dançam. Aborrecido, Ogum avança para dentro da roda e empurra Xangô que revida com outro empurrão. Uma grande confusão se forma.)

OGUM

Na minha festa você nunca foi bem vindo!

XANGÔ

Só você pode se divertir?! (para os outros participantes, debochando) É o dono do terreiro (ri)!

OGUM- Você é meu irmão, mas isso não lhe dá o direito...

XANGÔ- Eu só estava me divertindo. Você mesma viu. (insinuante para Oyá) Não viu? (pisca o olho pra ela).

(Ogum, percebendo a provocação do irmão, arma-se. Os dois ficam frente a frente em posição de ataque. Uma tensão paira no ambiente. Os outros presentes estão nervosos. Ogum aproxima-se de Xangô e, repentinamente, começa a rir.)

XANGÔ

(sem entender) Qual é a graça?

OGUM

Você não vai estragar a minha alegria. Eu sei que é tudo que você quer. Só veio pra isso.

XANGÔ

Que conversa é essa? (para os presentes) O dono do terreiro correu do pau!

OGUM

Preste atenção. Nunca corri de uma briga! E não será agora.

XANGÔ

Então...?

(Oyá tenta interferir, mas é interrompida)

OGUM

Todas as vezes que nos encontramos é a mesma história.

XANGÔ

Se depender de mim...

OGUM

De mim também. Mas quero fazer uma aposta com você.

XANGÔ

Aposta?

OGUM

É. Eu quero dar uma trégua em nossas brigas.

XANGÔ

(desconfiado, rindo) Trégua?

OGUM

Uma trégua até a próxima lua cheia. Tenho uma proposta que vai lhe interessar, apesar de nossas diferenças, você e eu somos iguais. Somos alafins.

XANGÔ

A diferença é que eu uso uma coroa.
Já você...

OGUM

(rindo, sarcástico) Você é muito engraçado. Muito. Bem, como todo rei queremos riquezas.

XANGÔ

Claro. Quanto mais búzios melhor.

OGUM

Pois então, amanhã na praia, cedo, nós dois nos encontraremos. Quem conseguir apanhar mais búzios é o vencedor. Sendo que quem perder deve entregar a quantidade que conseguiu catar ao vencedor. Fica acertado assim?

XANGÔ

(depois de um tempo) Tudo bem, dono do terreiro. Amanhã cedo. Prepare a sua sacola bem cheia de búzios para me entregar. Até amanhã (Vai sair, volta. Para OYÁ) Você dança muito bem. (sai rindo)

OGUM

(para os presentes) Vamos nos divertir!

(A festa continua. Exú em outro plano.)

CENA 13 – A APOSTA

EXÚ

Ogum prepara uma armadilha para o irmão. Fala com Ikú, a Morte, para ajudá-lo a pregar uma peça em Xangô. Ele tem pavor da Morte. Ela representa a sua oposição. Xangô é vida, o fogo flamejante, as brasas ardentes e da morte ele queria distância. Ogum e Ikú eram muito amigos, o grande desbravador andava sempre acompanhado por Ikú. E em breve ela seria a sua única companheira.

(Muda a luz. Praia. Manhã do dia seguinte. Ogum está sozinho e olha longe. Depois de um tempo, chega Xangô cantando.)

OGUM

Pensei que não vinha mais. Marquei cedo.

XANGÔ

(sarcástico) Você disse cedo. Mas não disse que horas. Além de dono do terreiro você agora é dono do tempo também? (ri)

OGUM

(sério) Você é muito engraçado. Seu senso de humor é contagiante.

XANGÔ

Obrigado. É de família.

OGUM

Bem, vamos para a nossa aposta.

XANGÔ

Claro! E limpe bem os búzios quando for me entregar. Não sou chegado à sujeira.

(Os dois passam a catar os búzios sobre a areia da praia e colocar em

seus respectivos sacos. Vez por outra, Xangô lança comentários debochosos para Ogum que não lhe dá ouvidos. Xangô distancia-se de Ogum. Surge IKÚ, a morte. Ela pára diante de Xangô e ri. Ele, apavorado, corre deixando o saco cheio de búzios para Ogum. Ikú e Ogum riem muito. Saem de cena.)

CENA 14 – O CONFLITO DE OYÁ

(Exú aparece na platéia o palco fica escuro apenas luz onde Exú estiver.)

EXÚ

Amar, entregar-se por amor. Como evitar um sentimento? Como refrear o coração? Essas eram as perguntas que Oyá se fazia. Apaixonara-se por Xangô. Era um sentimento forte, irrefreável. Ele era o trovador dos trovões, o dançador de alujá, o corpo de fornalha, e ela, vendaval incessante, não resistiu, não pode conter a combustão. (Fecha-se o foco de Exú.)

(Penumbra Oyá entra em cena e dança. Uma dança leve, suave e que vai ficando cada vez mais forte, em outra parte do palco entra Xangô que realiza o mesmo ritual. Ogum ocupa o centro do palco e também realiza o mesmo ritual.)

XANGÔ

(Num foco de luz) Uma beleza preta no ventre do vento! Me desavessa o desejo. Dona que despenteia os campos. Inflama minhas labaredas, minha alma. Seu fogo queima como o sol. Mulher que doma a dor do vazio, a dor da tristeza. Afaga meu peito e me toma de amor.

Uma beleza preta no ventre do vento!
Oyá ô!

(Ogum num foco de luz luta com um inimigo invisível, música, o foco de Xangô é aberto eles se olham. Furioso, Ogum vai pra cima de Xangô. Eles lutam num corpo a corpo violento. Disputam o amor de Oyá.

Ogum vence vai matar o irmão. Ouve-se um lamento ao longe abre-se o foco de Oyá.)

OYÁ

Um me toma nos braços como um troféu.

O outro me toma em seus braços e nossos corpos se fundem.

Me agita e me acalma, me desestabiliza e me desassossega.

Me desconcerta por inteira e meu corpo vai, me desobedece e segue.

Preciso apagar a luz para enxergar melhor o que ouço...

Há uma febre! Não se controla o que está vivo, pulsante, então quando pareço liberta algo se aquece e repentinamente tudo é...

Um vento de noite enluarada atravessa as labaredas e me salpica esperanças intuitivas e fazem meus lábios se abrirem num sorriso.

São homens! Hálito, pele, mãos. E eu respiro tanto, tanto que achei que ia...

Tenho a respiração alterada, a mente confusa e o coração quente.

Amo e o amor me toma por todos os lados.

Amo a minha direita e amo a minha esquerda.

Mas preciso rumar numa única direção.

(Oyá olha para Ogum, mas vai embora com Xangô.)

CENA 15 – A SAÍDA DE IRÊ

(Ogum está só. Vaga sozinho. Está desolado. Sons de vento invadem o palco Ogum sai tendo Ikú como sua única companheira.)

ALDEÃO

(para a platéia) Ogum partiu de Irê sem data para voltar. Embrenhou-se pelo mundo e desbravou outros impérios. Suturou sozinho a sua dor.

ALDEÃ

(para a platéia) A tristeza tomou conta de todo reino, pois não se ouviu mais o alarido das gargalhadas e das ordens do grande Onirê. Dentro dele, Oyá continuava viva como fogo. Ela soprava e seu vento ainda alimentava o amor de Ogum. Mas havia muito a fazer, muitos mundos a conquistar.

ADELÉ

(Em outro foco, falando para o grupo de aldeões. Triste) Anos já se passaram e meu pai Ogum não retornou a Irê. Como seu filho e ocupante do trono, sou obrigado a dar meu pai como morto. (pausa) Por isso, instituo, a partir de hoje, nessa data, o dia do silêncio, este dia deve ser consagrado a meu pai. Ninguém deve pronunciar uma palavra durante todo o dia, em memória do grande Onirê Ogum.

CENA 16 – A VOLTA A IRÊ

(Silêncio. Os aldeões ocupam o palco e em silêncio voltam a montar a engrenagem que outrora o Coro de Metalúrgicos montava.

Ogum entra em cena. Tenta falar com um, com outro, mas eles não o reconhecem e o ignoram. Seu olhar é colérico. Por conta do ritual, não respondem a nada ao que ele diz.)

OGUM

(numa crescente) Eu conquistei esta terra. Eu os abriguei! Transformei Irê no que ela é hoje e é assim que me recebem? Negando-se a matar minha fome, minha sede. Não me dão de vestir. Sequer dirigem a palavra a mim?!

CENA 17 – O MASSACRE

(Os aldeões reconhecem Ogum, mas é tarde demais. Ele começa a atacá-los. Ogum inicia um massacre. Muita gritaria e pânico. Ogum, furioso, mata algumas pessoas e já coberto de sangue, destruindo tudo, encurrala três pessoas num canto do palco.)

ADELÉ

(tomando a frente dos encurralados)
Pai! Estão em silêncio em sua homenagem. Achávamos que o senhor havia morrido. Hoje é o dia em que não se fala em homenagem ao Onirê Ogum.

OGUM

(atônito) Silêncio em homenagem a mim? Silêncio para mim? (Olha os mortos ao seu redor)

(Ogum, envergonhado, cai de joelhos e chora. Os encurralados fogem assustados. Diante de Ogum, só seu filho que o abraça em prantos. Ainda muito abalado, pede para o filho o deixar sozinho. Adelé obedece. Sai de cena)

CENA 18 – A VOLTA AO ÓRUN

(Ogum está no centro do palco com a testa tocando o chão. Exú está na outra extremidade do palco.)

OGUM

(ainda com a testa tocando o chão)
A humanidade me amou. Foram honestos em seu amor e eu os traí. Eu os aniquilei com minha mão cruel. Não sou digno de viver entre eles. (levantando a cabeça) Peço permissão para voltar para o Órun e me redimir perante Olodumarê. Entre os homens não posso mais ficar.

EXÚ

(Surgindo ao fundo) Do Órun, você vai continuar a acompanhar a humanidade, protegendo-a e abrindo seus caminhos. Em cada toque de atabaque, em cada roda de candomblé, em cada tilintar de metal, lá estará Ogum. Você amou tanto ser homem e hoje é um deus.

(Ogum pega seu agadá e finca o chão. Dá um grito ensurdecedor e é tragado pelo chão. Os aldeões entram e montam a grande estrutura que é um globo terrestre Ogum é envolvido pela estrutura eles cantam e Adelé faz a estrutura girar.)

FIM